





- Não! Não faça isso ao meu cãozinho!  
Ele gosta tanto de mim... até chora comigo!

Alberta teve uma gargalhada forçada. E desdenhosamente comentou:

- Pateta! Já se viu um cão chorar ou rir?

Lília, com o rosto banhado em pranto, sentiu-se forte para defender o seu amigo.

- Sim, senhora! Eu vi! Chorou no dia em que minha mãe morreu!

E olhe agora para os seus olhos... Está chorando comigo!

Interrompendo-a, Alberta gritou:

- Cala-te! Não digas mais disparates!

- Mas o meu cão está a chorar, veja!

- Cala-te, já te disse! Senão conto ao teu pai o que se passou: que ele me mordeu e que tu me faltaste ao respeito...

Lília continuava a chorar, suplicando:

- Mas não mate o meu cãozinho, não o mate!... Gosto tanto dele!...

- Hei-de matá-lo! Mordeu-me!

- E a senhora bateu-lhe! Bate-lhe sempre que o vê! O meu pai...

Alberta vociferou:

- Se contas ao teu pai a nossa conversa, mato-te também... Como se mata um cão! Ouviste?

Lília então revoltou-se. Mas não gritou.

As lágrimas secaram-se-lhe nos olhos. Sentia-se ofegante e disse apenas, numa voz baixa onde ia todo o seu desprezo:

- Como a senhora é má! Como é má!

Alberta olhou-a uma vez mais com ódio e, num gesto imperativo, ordenou:

- Sai imediatamente da minha vista! E não me perguntes mais pelo teu cão!

Lília obedeceu. Afastou-se, sem pressa, daquela má mulher. O cão rosou. A pequenita, porém recomendou-lhe baixo:



- Não faças barulho! Ela não te há-de matar... Vamos fugir os dois! Vou buscar o merendal... Espera aqui por mim.



O cão acenou com a cauda, como se a tivesse compreendido. Lília voltou depressa. Trazia a merenda e um manto que colocou sobre os ombros. Lado a lado, os dois amigos atravessaram rapidamente a cidade. Lília olhava de vez em quando para trás, a verificar se teria ou não sido descoberta. Mas ninguém os seguia! Para onde iria esconder-se? A pequena olhou o céu, num pedido de protecção. De súbito, o seu olhar descobriu a serra que se elevava lá no fundo, cheia de rochedo e grutas. Teve um sorriso de esperança. Acariciou a cabeça do cão e falou-lhe:

- Vamos! Já temos morada. Vamos subir a montanha!

O cão agitou a cauda, de contente. A sua dona e o ar livre eram tudo para ele!

A noite começava a cair, quando a pequena Lília chegou ao cimo.

Agora já não podia voltar para trás. Só tinha um caminho: procurar abrigo seguro. E encontrou-o nas grutas que mais pareciam fortalezas.

Lília sentou-se, aconchegou o manto, puxou o cão para si, comeram ambos do mesmo farnel, e ambos adormeceram lado a lado.

A noite veio espreitar esse quadro de inocência no alto da montanha. E ficou também ali, até que a aurora veio lembrar-lhe que era tempo de partir. Então a noite foi-se embora, sorrindo aos adormecidos...

No momento preciso em que a noite deu lugar ao dia, Lília sentiu que mão invisível lhe tocava num ombro. Levantou-se sobressaltada, mas o seu cão latiu de contente. A menina olhou em volta. Uma luz azulada cobria a montanha. Ela perguntou ao seu companheiro:

- Viste quem me acordou?

Então, uma voz bonita de mulher chegou aos seus ouvidos, enquanto sobre um rochedo uma senhora envolta num manto branco lhe sorria:

- Lília! Tens de voltar lá a baixo...

A pequena surpreendeu-se. Nunca vira uma senhora tão linda, nem ouvira voz tão meiga. Perguntou, na sua inocência:

- Senhora pois quem sois?

Sorrindo sempre a dama de branco respondeu, serena:

- Sou do Céu. Nada temas!

Os olhitos de Lília abriram-se mais, numa ingénua curiosidade.

- Se sois do Céu... porque viestes à Terra?





Assustada, a menina perguntou:

- Ela quer matá-lo também?

A senhora pousou os seus dedos de luz nos cabelos doirados da menina.

- Não, Lília, não se trata agora da tua madrasta. Refiro-me aos infiéis que estão quase às portas da cidade. O combate vai começar. Dentro de algumas horas Egitânia será destruída pelos Mouros. O rosto da menina traduziu o seu alarme. Perguntou com ansiedade, na sua voz juvenil:

- E o meu paizinho morrerá?

A senhora volveu:

- Tu poderás salvá-lo.

- Como, senhora?

- Corre lá a baixo à cidade e tenta falar com teu pai. É preciso que ele acredite em ti. O povo terá de reunir tudo o que puder de comida e agasalhos para vir refugiar-se nesta montanha. Compreendes o que te digo? Terão de vir todos para aqui, se querem salvar-se!

A menina acenou com a cabeça em sinal afirmativo. A senhora de branco continuou:

- Repara bem neste local, Lília! Parece uma fortaleza. Aqui os Mouros não conseguirão vencê-los. Poderão destruir a cidade, mas não destruirão os corpos desta gente sã, nem sequer a fé nas suas almas fortes, vai, pois, Lília, e avisa o teu pai.

A menina, num à-vontade de criança, perguntou ainda:

- Quereis que os traga todos para aqui já?

A senhora respondeu com firmeza:

- Não há tempo a perder! O alarme já se espalhou. Os Mouros preparam-se neste momento para atacar. Vai depressa! Eu te protegerei.

Aflita, Lília pediu:

-Então... tomai conta do meu cãozinho! Não quero que ele volte lá a baixo! Irei sozinha.

Serena, a senhora tornou:

-Lília! O teu cão já não merece preocupações. A esta hora, Alberta, a tua madrasta, chora de horror e julga que a invasão é um castigo do Céu. Porém, os outros não poderiam sofrer por ela! Jamais o céu a

- Para te falar e proteger.

Lília aproximou-se da senhora de branco. A sua vozita soou magoada:

- Sabeis então que ela queria matar meu cãozinho?

Cariciosamente, a senhora tornou:

- Sei, sim. Mas maior perigo corre agora o teu pai e todo o povo de Egitânia.

castigaria, castigando também os inocentes. Vai, e traz essa gente para aqui!

A pequena Lília olhou agradecida para a senhora de branco.

- Vou já a correr!

Depois, com ar duvidoso:

- Posso então levar o meu cãozinho?

A senhora sorriu:

- Leva sem receio o teu cãozinho. Ele ajudar-te-á a encontrar o caminho mais seguro.

Sem mais dizer, a menina começou a correr pela montanha a baixo, acompanhada sempre pelo sempre pelo seu amigo. Quando chegou à cidade, só viu gente correndo como que alucinada, de um lado para o outro, soltando lamentos!

A todos perguntava pelo pai. Só ao pai podia transmitir o recado da senhora do céu, quando o encontrou, ambos ficaram por um momento estáticos. Foi Ildfonso quem reagiu primeiro:

- Lília! Tu aqui?... Julgava-te em casa dormindo. Vai já ter com a tua madrasta e não saiam para a rua!

A menina olhou-o com firmeza:

- Pai! Preciso dizer-lhe uma coisa!

Ele enfiou-se:

- Estamos em guerra, compreendes? Não os ouve ao longe? São muitos, muitos... dez vezes mais que os nossos homens!...

Lília insistiu, serena:

- Mas a senhora quer que eu lhe conte o que ela me disse!

- Qual senhora?

- A senhora do monte, lá em cima...

Ildfonso olhou para a filha com perplexidade.

- A senhora do monte?... Mas...que ideia é essa? Estás doente? Tens febre?

- Não. Estou apenas cansada porque vim a correr. A senhora disse que tinha que vir depressa avisar o pai.

Ildfonso pegou-lhe nos ombros:

- Mas quem é essa senhora?

- A que me apareceu lá em cima esta manhã.

O homem abanou a cabeça. Não entendia o que a filha tentava dizer-lhe.



- Ouve: não tenho tempo para pensar com calma. Tu estiveste lá em cima? Além nos rochedos.

- Sim, meu pai.

- Porque foste sozinha?

Lília hesitou. Ildefonso gritou quase:

- Responde! Porque foste para lá sozinha?

Olhando o cão que se encostara às suas pernas, como a dar-lhe alento, a menina explicou:

- A minha madrasta queria matar o meu cão e eu fugi ontem com ele.

O pai gritou-lhe, surpreendido:

- Ontem? Mas...então não estavas a dormir quando cheguei?

- Tinha fugido com medo!

- Para onde?

- Para o cimo da montanha. Escondi-me nos rochedos. E foi ali que esta manhã a Senhora me falou...

Ildefonso olhou para a filha e escutou a algazarra que se aproximava.

Baixou-se para lhe falar, olhos com olhos. Não havia tempo a perder.

- Lília! Que te disse essa senhora?

- Que vinha do Céu e que eu devia correr até aqui, para dizer ao pai que fugissem todos...

Ildefonso interrompeu a filha:

- Que fugíssemos? Para eles destruírem tudo? ... Creio que não escaparemos... Mas não vão encontrar-nos pela frente!

Lília insistiu firme:

- Mas a senhora diz que ali, nos rochedos, é como se fosse uma fortaleza onde os homens maus não poderão chegar!

Ildefonso levantou-se de súbito. Levou uma das mãos à testa. No seu rosto passou uma expressão quase de triunfo:

- É isso mesmo! Começo a ver claro! Isto foi uma bênção do Céu! A Virgem Mãe de Deus vai ajudar-nos!



Agora parecia já indiferente à algazarra que se ouvia cada vez mais próxima. Voltou a baixar-se ao nível do rosto de Lília.

- Que mais te disse Ela, filha?

- Que o pai desse esta nova ao povo da Egitânia. Que arranjassem comida e agasalho e fossem todos para a fortaleza da serra!

Ildefonso ergueu-se. No olhar brilhava-lhe uma chama de fé. Murmurou:

- É isso! Louvado seja Deus!

Depois beijando a filha:

- Meu anjo da guarda! Vai imediatamente a casa e diz à tua madrasta que vá aprontando as coisas, que daqui a pouco irei buscá-las! Vou reunir os meus homens e falar-lhes!



A nova espalhou-se rapidamente. Hinos de louvor subiam ao Céu enquanto o povo da Egitânia – hoje, Idanha-a-Velha – subia ao cimo da serra. E quando o invasor chegou, numerosíssimo, destruindo tudo à sua passagem, ficou pasmado com a ideia dos egitanienses. Tentaram subir

também à montanha, mas não conseguiram desalojá-los de tão forte castelo natural.

Na impotência dessa vitória que já chamavam sua, os mouros bradavam, então, uns para os outros: «Gardunha!»! «Gardunha»!

E assim era, na verdade. O povo da Egitânia encontrara, pela mão de Deus e da inocência, o melhor refúgio na serra que o cercava. Daí se começou a chamar-lhe – serra da Gardunha. E lá no alto, o povo construiu uma ermida com a imagem duma Senhora envolta num manto branco – a Senhora da Gardunha – num comovente gesto de acção de graças!

**Lendas de Portugal** de Gentil Martins